

## **Cidades: conflitos, tensões e beligerância em territórios (des)conhecidos**

Emerson César de Campos<sup>1</sup> - UDESC/UNIVALI

Neste Simpósio que discute Guerra e Paz de modo articulado penso em ampliar a discussão sobre fenômenos sócio-culturais inscritos em territórios tensos e conflituosos, com face delineada naquilo que chamamos de *cidade*. Sob formas diferenciadas proponho a ampliação das discussões mais contemporâneas que vêm buscando um olhar para as cidades capaz de nelas visualizar, sempre e ainda, suas tensões e conflitos. Território primaz de embates, nas cidades podemos observar áreas e ações que em movimentos (ordenados ou não) constroem sentidos e alteram de modo significativo a experiência social. Assim, pensamos oportunizar a visibilidade de tensões ou mesmo ações beligerantes que se põem e opõem, e que são muito vivas nas cidades, a exemplo de fenômenos como urbanidade, relações interétnicas, emigração/imigração e, no limite, a própria violência.

Para alcançar uma compreensão mínima dos fenômenos aos quais me refiro, tomo como referência de campo a cidade de Criciúma (Sul de Santa Catarina). Quando do meu envolvimento com estudos para a minha tese de doutoramento (concluída em 2003), pude perceber que muitas das manifestações naquela cidade catarinense se articulavam (e se articulam) sob produções e condições e produções pouco têm de exclusivas de grandes centros urbanos, como foram tradicionalmente vistas e compreendidas nas análises sobre cidades.

Em apresentação bastante rasa, a *capital brasileira do carvão*, teve sua história de tal forma imbricada, sobreposta, no que nela se convencionou chamar de “*pedra fundamental do progresso*” (Slogan de campanha publicitária de largo alcance, realizada em Criciúma entre 1975-1980), que parecia inviável sua construção fora desta base. Entretanto, em 1987, após uma redução considerável dos subsídios que por mais de 40 anos foram fornecidos pelo governo federal à indústria extrativa do carvão mineral, o setor carbonífero se retraiu abruptamente, provocando desemprego<sup>ii</sup> e gerando uma crise social de grandes proporções. <sup>1</sup> O número de postos de trabalho que em 1987 era de 13.000 foi

reduzido para 4.000 em 1990. Também em 1990 o governo federal reduz ainda mais o incentivo à exploração do carvão nacional, reduzindo de 10% para 6% a cota obrigatória de compra do carvão nacional por parte das empresas que usavam este mineral.

Houve então um período de intensas lutas e reivindicações e beligerância. Estas lutas tomaram uma face recrudescida e, por vezes, bastante violentas. Uma das mais marcantes ocorreu em 1991, durante o processo de privatização da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), que atuava em Criciúma através da Companhia Próspera e que era detentora de grandes reservas de carvão. Reagindo ao processo de privatização, os mineiros ocuparam as instalações da empresa, queimaram caminhões e colocaram explosivos nas imediações da Companhia, ameaçando explodir, caso não fossem atendidas suas reivindicações.

Posteriormente, outras ações foram implementadas por movimentos sociais, sindicatos, organizações de bairros, imprensa e pelo próprio empresariado local, quase sempre na direção de positivar a imagem da cidade, deixando de divulgá-la como a “*capital brasileira do carvão*”<sup>iii</sup>. Em realidade tal divulgação vem sendo instrumentalizada em procedimentos diferentes daqueles conhecidos anteriormente. Outras visibilidades da cidade do carvão podem ser percebidas através, por exemplo, do uso turístico do termo capital do carvão, caso este da mina modelo criada na cidade em 1985 no governo de José Augusto Hülse e anunciada como a *única mina aberta à visita pública no mundo*; ou mesmo ainda quando de slogan como o “Carvão Mineral”, exposto de modo ostensivo na camisa do principal time de futebol da cidade, que leva seu nome - Criciúma.

Assim mesmo, simultaneamente a transformação do “*mundo do carvão*” uma série de idéias contrárias ao predomínio carvoeiro na cidade são acionadas e mostram outras possibilidades de se enxergar e viver Criciúma. Para Manoel Coelho, arquiteto, 61 anos, um dos profissionais responsáveis pelos projetos modernizadores implementados em Criciúma nas décadas de 1970 e 1980, “na última década Criciúma vem se construindo por outras referências que não aquelas voltadas ao carvão. Vejo isto como algo positivo”<sup>iv</sup>. Também Daltro Espíndola, empresário do setor Têxtil da cidade se coloca: “Criciúma não é mais a

*capital brasileira do carvão. Aqui já foi, agora não é mais...<sup>vi</sup>*. Esta alteração significativa no olhar sobre a cidade, não corre apenas à boca pequena. Ela aparece em manifestações inúmeras. Derley de Lucca, professora de História de um colégio secundarista de Criciúma, em artigo publicado num jornal local, afirma: *“a cultura do carvão acabou. Hoje os mineiros não têm o apoio da cidade<sup>vi</sup>”*. Contudo, cabe perceber que apesar de esforços como os colocados, não parece possível que quase por um decreto se instale a morte de uma cultura, pois *“uma cultura está bem morta quando a defendem em vez de inventá-la<sup>vii</sup>”*.

Em 1980 com uma população de 99.735 habitantes, Criciúma contava com 11 empresas carboníferas instaladas no município, empregando mais de 50% da população economicamente ativa do município<sup>viii</sup>. Em 1991, Criciúma Apresentava uma população de 146.162 habitantes, com apenas quatro empresas carboníferas em funcionamento<sup>ix</sup>. Em 2000, apenas uma empresa carbonífera continuava explorando no município, enquanto que sua população era de 170.274 habitantes, dos quais 152.903 dispostos na área urbana e 17.371 na área rural<sup>x</sup>.

É possível afirmar que especialmente nestes últimos dez anos, a cidade de Criciúma se encontra muito mais fraturada e, assim, exprime uma gama de significados amplos, que dificilmente uma sentença redutora poderia melhor qualificá-la. Para melhor entender estes “platôs”, na expressão cunhada por Deleuze, é necessário estar atentos aos territórios que deslizam sentidos e que se constituem na cidade. Lugares muitos bem marcados como a “cultura do carvão”, usos da etnicidade (um “problema histórico” na cidade), a redenção monumental (a materialização de uma história da cidade posta em monumentos: ao mineiro, ao imigrante, ao centenário da colonização), são uma forma interessante de identificar a constituição de novos sentidos na cidade.

Histórias múltiplas sobre Criciúma foram e vem sendo produzidas. O sentido múltiplo não é necessariamente diverso. Ao contrário, ele pode, e os exemplos são inúmeros, ser uma poderosa ferramenta ratificadora de lugares comuns. Embora de agradável leitura e por vezes bem humorada, a historiografia cricumense, ao menos aquela realizada até a década de 1980, se compõe e se constrói através do trabalho desenvolvido

pelo que convencionalmente se pode chamar oficialistas-memorialistas<sup>xi</sup>. Longe de uma “história-problema”, há nela um sentido épico e reificador, que para fazê-la produzir sentidos — e não apenas lágrimas e risos<sup>xii</sup> — é mister, numa espécie de anti-afinidade eletiva, acionar um diálogo que possibilite ao mesmo tempo, uma leitura compreensiva e paradoxalmente dissonante.

Sobre esta realidade e como forma da polifonia a qual me refiro neste artigo, vejamos uma notícia encarregada de apresentar a cidade e que ainda a exhibe de modo monofônica:

*Fundada em berço de ouro, sob a marca da predestinação, no dia 06 de janeiro de 1880, Criciúma foi colonizada por italianos, alemães, poloneses, negros e açorianos, que pela ordem, se fixaram na região. Em pouco tempo, as plantações cresciam e surgiam as primeiras moendas e engenhos. Nesse tempo quando se arrancavam a vida e o progresso da terra com as mãos, já eram claras as marcas que virariam o signo e o símbolo desse povo em construção. Sinais que se perpetuariam na audácia e no arrojo de enfrentar e vencer desafios<sup>xiii</sup>.*

Então, de forma a fugir da monofonia, o que se coloca com necessário é a discussão de outras temáticas, que partindo da configuração cultural e social exibida rapidamente aqui — prenhe de invenções e criações —, dê conta de refletir manifestações diversas que se tornam mais visíveis na cidade, especialmente a partir da década de 1980, acompanhando o ocaso da exploração carbonífera. Inserem-se nesta dimensão, a Quermesse: Tradição e Cultura (também conhecida como festa das etnias), a comemoração do Centenário de Criciúma (realizado em 1980), fenômenos de emigração, da dolarização crescente (fenômeno mais vivo a partir da década de 1990, quando se intensifica o processo de emigração de criciumenses para os Estados Unidos), entre outros, e que permitem a audição da polifonia produzida na cidade.

Na polifonia criciumense há dissonâncias, porque é assim que uma cidade, qualquer cidade, se constrói ou se deixa ouvir. Em que pese os esforços para mostrar “Criciúma, plantada no tranqüilo sul catarinense”<sup>xiv</sup>, o que se verifica na cidade são suas fraturas, expostas numa hiperinflação de signos: um parque centenário que agora se chama das etnias; um monumento que era dos mineiros e que tem agora sua legitimidade

questionada<sup>xv</sup>; uma festa (Quermesse) criada inicialmente (1989) para celebrar as cinco etnias “fundadoras e/ou construtoras da cidade”, depois seis, sete, oito, para finalmente em 2001 voltar a seis; a dolarização da cidade que aquece sua economia; e tantas outras notas que dela ecoam. Nesta ambiência é impossível pensar num lugar perfeito e completo, onde a diversidade daria conta de tudo acomodar, mesmo porque, no completo perfeito, num participio passado constantemente atualizado, não há espaço para a alteridade, nela o outro será sempre “*este difícil*”.

Um olhar apressado sobre Criciúma é viável, mas na mesma medida, acredito, inútil. Desejo afirmar que a abordagem para se entender uma cidade contemporânea, a exemplo de Criciúma, ao invés de ter como lugares seguros a etnicidade, classe, religiosidade, deve reter deles sua instabilidade e o que têm de conflitos e beligerância, buscando ouvir e ler estes elementos como constituidores e constituídos por urdiduras. Assim as diferenças podem, não apenas como uma espécie de compromisso moral, serem respeitadas, mas legitimamente existirem, pois “*a diferença cultural não representa simplesmente a controvérsia entre conteúdos oposicionais ou tradições antagônicas de valor cultural*”<sup>xvi</sup>. Nas análises que se podem realizar sobre a cidade das etnias, como vem sendo chamada Criciúma, há sempre e ainda um além.

Entre tantas aberturas possíveis para se entrar em Criciúma, duas particularmente se mostram com maior imponência: a cultura do carvão e o que na ausência de uma denominação adequada chamo de *mercado étnico*. Num trabalho muito bem preparado, José Paulo Teixeira aponta:

*“se é válido pensar a cidade a partir do reconhecimento social dos mineiros e de sua força histórica e simbólica, reduzi-la a isto seria uma mistificação, uma ideologização da história de Criciúma, da mesma forma como faz a historiografia oficial ao reduzir e reproduzir a história da cidade pelo viés da colonização, isto é, a partir das diferentes etnias que colonizaram a cidade no final do século XIX e início do século XX”*<sup>xvii</sup>.

Atenta observação. Partindo dela, apresento os modos pelos quais trato de discutir a etnicidade (ou seus usos) na cidade. Busco na Quermesse: Tradição e Cultura, o evento iniciador da reflexão. Se externamente, para as demais cidades do estado, Criciúma ainda lembra a *capital do carvão*, internamente o que se vê é uma profusão de tantas

outras manifestações, entre elas, a Quermesse. As investigações realizadas indicaram que há mesmo um esforço considerável de fugir da “Sina de Potosi”<sup>xviii</sup>. Significativo então passa a ser o momento de criação da festa (1989), quando a cidade atordoada com os cortes de subsídios que por mais de cinqüenta anos garantiram a indústria carbonífera, se inventa mais uma vez. Esta festa hoje suporta uma ponderável capacidade de reunião.

A festa citada foi criada com intenção de homenagear as etnias colonizadoras de Criciúma: italiana, polonesa, alemã, negra e portuguesa. Parte desta homenagem já havia se edificado, tornado monumento em 1966, quando se inaugura o monumento do imigrante (ou da primeira mó), localizado na praça do mesmo nome. Naquela oportunidade uma pedra redonda (em forma de roda de moinho) era sustentada por três colunas que simbolicamente lembravam as três etnias fundadoras da cidade: italiana, polonesa e alemã. A população negra e litorânea (chamada etnia portuguesa) não são presentificadas. Porém, em 1980, uma nova homenagem ganha imponente edificação: o monumento do centenário (conhecido também como das etnias). Agora São cinco etnias que se materializam no monumento: italiana, polonesa, alemã, negra e portuguesa.

Estes referenciais apontam para uma compreensão de fragmentos e a produtiva ação de a partir dele tecer fios, contar histórias, identificando diferenças — e não apenas assumindo a diversidade redentora —, atentando para as fronteiras elásticas e/ou limitadoras das quais se constituem os territórios culturais, e onde a etnicidade é por vezes mais, por vezes menos, um de seus elementos formadores.

Portanto, existe o esforço em entender como é possível ainda hoje, frente a toda complexidade visível na cidade, a polifonia de significados e o irredutível hibridismo<sup>xix</sup>, que na comemoração dos 121 anos de Criciúma se verifique em manchete de capa veiculada pelo jornal de maior tiragem no município a seguinte manchete: *“Criciúma, 121 anos de história italiana: trabalho, família e fé: legado dos italianos que construíram a maior cidade do sul”<sup>xx</sup>*.

Assim, o inacabado fornece o tom da polifonia cidadina criciumentense e, acredito, em larga mediada, das cidades contemporâneas. Estar atento as afinações e desafinações da cidade é contribuir para uma compreensão mais adequada de sua construção polifônica.

---

<sup>i</sup> Professor Doutor em História Cultural (2003-UFSC). Docente nas universidades: UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina) e UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí).

<sup>ii</sup> O número de postos de trabalho que em 1987 era de 13.000 foi reduzido para 4.000 em 1990. Também em 1990 o governo federal reduz ainda mais o incentivo à exploração do carvão nacional, reduzindo de 10% para 6% a cota obrigatória de compra do carvão nacional por parte das empresas que usavam este mineral.

<sup>iii</sup> Em livreto editado pela Prefeitura Municipal de Criciúma, datado de janeiro de 1986, o ex-prefeito e ex-vice-governador do estado, José Augusto Hülse escreve que: “instado a dar nome a um documentário cinematográfico produzido sobre a cidade, o então prefeito Addo Faraco, em 1948, o chamou de Criciúma: Capital do Carvão. Naquele momento o título foi criado”.

<sup>iv</sup> Entrevista concedida a mim em 08/03/2002.

<sup>v</sup> Entrevista concedida a mim, na cidade de Criciúma, em 13/10/1999.

<sup>vi</sup> JORNAL DA MANHÃ. Criciúma: Jornal da Manhã, 14/11/1996. P.11.

<sup>vii</sup> VEYNE, Paul. **O inventário das diferenças: história e sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.10.

<sup>viii</sup> Fontes: PBDEE (Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico Econômico). AMREC /UNESC, 1997.v. I. p.195 e SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e crise na região Sul de Santa Catarina**. Florianópolis: UDESC, 1997. Os dados em relação aos empregos diretos gerados pelo setor carboníferos não são claros. Contudo é certo que somado ao setor cerâmico (outra significativa área produtiva da cidade), em 1980, chegam a 65,4% da economia local. Dados coletados junto ao IBGE apontam uma população um pouco menor para o mesmo período: 96.332 habitantes.

<sup>ix</sup> PBDEE (Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico Econômico). AMREC /UNESC, 1997.v. I. p.195. Em 1989 Forquilha se emancipa de Criciúma produzindo um efeito negativo no crescimento populacional e também econômico, pois parte considerável das jazidas de carvão se encontravam naquele município. O número de empregos do setor carbonífero que em 1980 era superior a 12.000 cai para menos de 3500 em 1991.

<sup>x</sup> Dados obtidos no Relatório Parcial-Regional Censo 2000, junto ao IBGE. Embora (2003) não seja mais explorado carvão em seu território, se sediam em Criciúma a administração de algumas empresas carboníferas que operam na região devido à capacidade logística oferecida pela cidade a estas empresas.

<sup>xi</sup> Entendendo por memorialistas aquilo que em outra oportunidade Peter Burke chamou de “antiquários”. Ver: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

<sup>xii</sup> Expressão utilizada em 1978, pelo então prefeito da cidade Altair Guidi, na festa de recepção ao cônsul italiano, por ocasião dos antecipados festejos do centenário da colonização de Criciúma realizado em 1980.

<sup>xiii</sup> Internet. <http://www.terra.com.br/cidades/cua/conhecacriciuma.htm#localizacao>. Capturado em 2001.

<sup>xiv</sup> ARNS, Otilia. **A semente deu bons frutos**. Florianópolis: Casa Civil, 1985, p.11. A referida obra, preparada por ocasião do centenário de Criciúma (1980), mas somente publicada em 1985, foi ao menos até 1994, a principal referência da qual se serviu a prefeitura do município para promover e visibilizar a cidade tanto *domesticamente* como em âmbito estadual e nacional, conforme se pode verificar numa inumerável série de documentos, ofícios e folders emitidos pelo poder público local. Em entrevista realizada por mim em 15/03/2002 na cidade de Forquilha, antigo Distrito de Criciúma e dela emancipada em 1989, Otilia Arns ratifica esta visão sobre Criciúma e particularmente sobre forquilha.

<sup>xv</sup> Atualmente se discute de modo pulverizado entre empresários, políticos, poder público a representatividade do monumento do mineiro, criado em 1946 e transferido na década de 1970 para um dos cantos da praça Nereu Ramos.

<sup>xvi</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço Lima dos Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p.228.

<sup>xvii</sup> TEIXEIRA, José Paulo. Op. Cit., p.34.

<sup>xviii</sup> Referência à cidade boliviana, fundada por espanhóis em 1545 com a finalidade de exploração de prata. A partir do século XIX enfraquecida pelo abandono das minas, a cidade se retrai. Esta relação com Criciúma foi voluntariamente apresentada em duas entrevistas realizadas. A primeira com o ex-prefeito da cidade em duas gestões, o arquiteto Altair Guidi. Uma outra foi citada pelo jornalista Adelar Lessa quando afirma: “Criciúma já superou a sina de Potosi”. Entrevistas concedidas a mim na cidade de Criciúma em 23/06/2000 e 27/04/2001.

<sup>xix</sup> Sigo a trilha semeada por Nestor Garcia Canclini, que prefere trabalhar com “*processos de hibridação, abrangendo diversas mesclas culturais*”. CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1998, p.21

<sup>xx</sup> JORNAL DA MANHÃ. Criciúma: Jornal da Manhã, 6 e 7/01/01. Capa e pgs. 10-11.